
O PIONEIRISMO DA IGREJA PRESBITERIANA

INDEPENDENTE EM MARINGÁ (PR)*

André Rocha Cordeiro**

CAETANO, Loide. *Semeando café e disseminando a fé*. Maringá: Caiuás. 2013. 192 p. ISBN 978-85-61772-12-3.

Loide Caetano, pesquisadora de história das religiões e religiosidades e história regional, no ano de 2013, publica o livro intitulado *Semeando Café e Disseminando a Fé*. Essa obra é uma adaptação de sua dissertação de Mestrado em Ciência da Religião, defendida na Universidade Metodista de São Paulo (p. 24). O objeto da autora, na referida obra, é a inserção do presbiterianismo independente na cidade de Maringá, localizada na região norte do Paraná. Pautando-se em diversos documentos escritos (atas das igrejas, jornais oficiais da denominação e da cidade de Maringá) e documentos orais (entrevistas e material audiovisual), a autora se propõe a apresentar o pioneirismo da Igreja Presbiteriana Independente (IPI) na cidade (p.31).

No primeiro capítulo da obra, “Seguindo a trilha do café”, a autora, inicia sua discussão, realizando um retrospecto histórico do protestantismo nascente da Reforma, no século XVI, na Europa. Se por um lado os protestantes levantaram questionamentos e propuseram uma nova forma de pensar religião, por outro, a Igreja Católica Romana traçou “estratégias para impedir o avanço da Reforma protestante” (p. 39). Segundo Caetano, mesmo que a Igreja Católica tomasse medidas para combater a instalação do protestantismo no Brasil, por duas vezes ocorreram tentativas da sua implantação: o período de invasão francesa no Rio de Janeiro (século XVI) e a invasão holandesa no Nordeste brasileiro (século XVII).

* Recebido em: 30.09.2014. Aprovado em: 01.11.2014.

** Historiador pela Universidade Estadual de Maringá.

Com a mudança da corte portuguesa para o Brasil, a situação se alterou, haja vista que a situação de dependência e acordos da coroa com os ingleses mostrou-se momento de abertura para que protestantes se estabelecessem em território brasileiro. Os primeiros protestantes no Brasil foram luteranos, que, por meio da imigração alemã, estabeleceram-se na região meridional do Brasil, além de regiões dos atuais Estados do Espírito Santo, Rio de Janeiro e Minas Gerais. Também missionários ingleses vieram para o Brasil, objetivando propagar a sua religião. Posteriormente, com a promoção da imigração europeia, grande foi o fluxo de pessoas que vieram para o Brasil, entre elas, indivíduos que se professavam protestantes. No ano de 1853, chegou ao Rio de Janeiro o primeiro pastor presbiteriano e fundador da Primeira Igreja Presbiteriana no Brasil e, dessa região, expandiu-se.

Na região Norte do Paraná, segundo a autora, o presbiterianismo independente “segue a trilha” do projeto colonizador organizado e estruturado por uma empresa, no caso a Companhia de Terra Norte do Paraná. Buscando apresentar ao leitor a região que analisa, Loide Caetano retoma a história da colonização do norte do Paraná, por meio do debate historiográfico entre pesquisadores que se ativeram à referida região, como France Luz (1997), Joffily (1985) e Mota (1999).

Atendo-se à questão da cafeicultura na região norte do Paraná, e que faz alusão ao título da obra, Loide Caetano relata que aqueles que vieram para a região, denominados pioneiros (p. 62), buscavam oportunidades, haja vista a situação de crise do café na região Sudeste e as medidas de Vargas quanto à cafeicultura. Dialogando com Leonard (1963) e Mendonça (1984), a autora informa que não só a crise da cafeicultura provocou a mobilidade dos indivíduos, mas a própria ética protestante promoveu o deslocamento dos presbiterianos que seguiram a trilha do café até o Paraná. Em Maringá as primeiras reuniões dos pioneiros professos presbiterianos independentes se iniciaram em 1942, segundo os registros da ata da igreja. Tendo sua origem em uma reunião familiar, a Igreja Presbiteriana Independente se organizou na cidade de Maringá, o que é tema do segundo capítulo da obra de Loide Caetano.

Segundo a autora, para se organizar uma igreja, como a que é seu objeto de pesquisa, é necessário que existam “condições para tal, como a capacidade de formar os seus próprios líderes e de se sustentar economicamente” (p. 86), assim, existe uma distância entre a formação do grupo e a organização da igreja. Para Caetano, a “igreja é gestada até ser organizada” (p. 86).

No caso da Primeira Igreja Presbiteriana Independente, seu embrião é uma família de pioneiros que se reunia para pequenos trabalhos evangélicos. Posteriormente, um grupo juntava-se, porém sem caráter oficial, uma vez que não estava vinculado a nenhuma instância eclesiástica. Quanto à questão do espaço físico, inicialmente as reuniões do grupo ocorriam em um espaço provisório - sala

anexa à casa de um dos fiéis –, em 1947, esse grupo passou a se reunir em um templo de madeira, localizado na Vila Operária.

No ano de 1949, foi organizada a Igreja Presbiteriana de Maringá, na Vila Operária. Meses após a sua organização, começou-se a estudar a mudança do templo para a região central da cidade, que ainda estava para ser planejada arquitetonicamente. Em 1951, houve a transferência de local, porém, segundo a autora, não existem registros que expliquem a motivação de tal ato. Um ponto interessante, levantado por Caetano, é que os presbiterianos independentes compraram o terreno no qual construíram seu primeiro templo, diferentemente dos católicos que receberam os terrenos como doação da empresa colonizadora.

Com o passar dos anos, a cidade foi expandindo-se, e a igreja seguiu o desenvolvimento de Maringá. Nessa perspectiva, Loide Caetano dedica o terceiro capítulo, intitulado “O avanço da igreja pela cidade”, às diversas igrejas presbiterianas independentes que se fundaram, com especificidades e peculiaridades, em território maringaense.

Da primeira Igreja Presbiteriana Independente desmembraram: IPI do Mandacaru, IPI Jeová Raphá, IPI do Jardim Alvorada e Igreja (congregação) Itaparica. Outras duas IPI de Maringá foram fundadas a partir da IPI Jeová Raphá, no caso: a IPI Liberdade e IPI do Jardim Paris.

Caetano relata que a igreja do bairro Mandacaru é considerada a quarta a se organizar, porém foi a primeira a se desmembrar. Seu surgimento se deu pela dificuldade de deslocamento dos fiéis que moravam “abaixo da linha do trem” (p. 117). As primeiras reuniões ocorreram em 1950. Já a organização do grupo como igreja aconteceu apenas em 1988. Outra igreja que surgiu da dificuldade dos fiéis em se deslocarem foi a Segunda IPI – atualmente chamada de Jeová Raphá – localizada na Vila Operária, no mesmo local em que surgiu a Primeira Igreja Presbiteriana Independente da cidade. A organização dessa igreja ocorreu em 1974, e, dela, outras duas se emanciparam.

Separada da Primeira IPI e motivada pelos fatores econômicos, distância e a mudança no horário da escola dominical, a igreja do Jardim Alvorada foi fundada em 1959. Seu terreno foi doado pela igreja mãe e sua organização como igreja ocorreu em 1984. A igreja do bairro Itaparica estava (até 2013, ano da publicação) em fase de nascimento e partiu de uma estratégia preestabelecida, principalmente de projetos sociais. Buscando oferecer à população do bairro atenções ao “espiritual” e ao “material”, projetos e cursos foram desenvolvidos com a comunidade local, a fim de “amenizar um pouco a vida dessas pessoas ao incutir esperança para enfrentarem o mercado de trabalho” (p. 134).

As igrejas dos bairros Jardim Liberdade e Jardim Novo Horizonte desmembraram-se da IPI Jeová Raphá (2ª IPI). A igreja do bairro Jardim Liberdade se instalou em uma região em que não existiam fiéis. A estratégia de evangelização,

gestada em 1988, foi desenvolvida por meio de grupos de estudo bíblicos, semana de oração, “operação Josué”, visitas domiciliares e projetos sociais. Somente no ano de 1997 a igreja foi organizada como a 5ª IPI de Maringá. Já a igreja do Jardim Novo Horizonte teve, numa obra evangelística, em 1989, o seu embrião. Essa obra foi baseada em uma estratégia muito utilizada pelas igrejas pentecostais, ou seja, reuniões com pregações, mescladas com orações libertadoras. Diferente das demais igrejas, a do Jardim Novo Horizonte nasceu sem grupos de escola dominical – que só foi estabelecida em 1995. Em 1999, verificando-se a organização da congregação, aquela se tornou igreja. Também fruto da Igreja Jeová Raphá, a igreja do Jardim Paris teve seu início como ponto de pregações no ano de 2004. Passados sete anos, verificou-se que estava apta a tornar-se igreja e, assim, desmembrou-se da Segunda IPI.

Após apresentar a expansão da Igreja Presbiteriana Independente nos bairros da cidade, Loide Caetano propõe-se, no quarto capítulo, a abordar a organização da Primeira Igreja Presbiteriana Independente, dando ênfase aos trabalhos sociais, desenvolvidos pela mesma.

A autora relata que a Igreja Presbiteriana Independente de Maringá, mais especificadamente a Primeira Igreja, passou por mudanças organizacionais. Ressaltando a departamentalização da estrutura ministerial, Loide Caetano se atém a três departamentos específicos, que definem o perfil da igreja: superintendência e coordenação da escola dominical, conselho missionário e Fundação Isis Bruder. Com relação à escola dominical, esta tem por funções manter o grupo e preservar a sua memória e sua doutrina, enquanto grupo religioso. Com a reorganização dos ministérios, o material didático foi pensado e produzido a partir das necessidades da igreja local, pois a nova proposta se pautava em formação de cursos semestrais. Já o conselho missionário tem por objetivo conscientizar a comunidade religiosa da responsabilidade de desenvolver “atividades e projetos missionários” (p.162), em caráter nacional e internacional.

Aprovada em 2000, a Fundação Isis Bruder é responsável pelo desenvolvimento de ações e projetos relacionados à assistência social para os mais diversos públicos. Loide Caetano ressalta que ações de auxílio aos necessitados já aconteciam anteriormente à fundação Isis Bruder, especialmente para os pares na fé, pois, segundo registro nos livros atas, alguns fiéis eram socorridos com cestas básicas e demais benefícios.

Os projetos sociais da Igreja Presbiteriana Independente se debruçaram principalmente sobre dois públicos: crianças e mulheres. Segundo Caetano, a Casa Maternal Evangélica, fundada em 1970, foi a primeira de cunho social da igreja e auxiliava as mães, que necessitavam trabalhar, no cuidado com os filhos. Já em 1977 foi fundado o Lar Nazaré que atendia a moças grávidas e solteiras que eram rejeitadas por familiares. A autora informa que cerca de 360 mulheres

foram atendidas pela instituição, porém esta encerrou suas atividades no ano de 1988 por problemas financeiros. Ainda sobre ações sociais dedicadas ao público feminino, a igreja possui um grupo de senhoras que promovem o atendimento às mulheres presas e oferecem estudos bíblicos, cursos de artesanato, palestra, atendimento aos familiares e auxílio ao trabalho, quando libertado.

Para crianças em situação de rua, a igreja desenvolveu o projeto Renovo (p. 170), na década de 1980, que surgiu pela situação de mendicância de menores no estacionamento do templo central. Além de atender aos menores, o projeto abarcou as famílias destes. Por fim, a autora ressalta que a igreja ultrapassa as paredes do templo por meio de ações sociais, disseminando fé pelo percurso em que a cidade avança, mesmo com dificuldades internas.

Finalmente, a autora afirma que, nascendo da Reforma do século XVI e apresentando-se como nova forma de se pensar religião, o protestantismo foi sendo gestado e assumindo novas formas. Tanto em caráter nacional como regional, pode-se perceber, segundo Caetano, que a dinâmica e necessidade dos fiéis promoveram a mobilidade destes para as diferentes regiões. No caso maringaense, é defendido que a Igreja Presbiteriana Independente acompanhou o próprio projeto colonizador e seguiu a “trilha do café”, onde o protestante, além de buscar novas oportunidades, inseriu-se no cenário e no campo religioso, “disseminando a fé”, por meio do próprio cumprimento de sua ética.